

A CIÊNCIA HERMENÊUTICA E SANTO AGOSTINHO

*Prof. Pe. Mauro Negro, osj**

RESUMO

*A hermenêutica é uma ciência de notável importância para a compreensão da Escritura. Com ela o leitor da Escritura de hoje, em contato com o texto de séculos atrás, consegue compreender a mensagem e aplicar na vida seu sentido. Para que isto ocorra e que a hermenêutica seja o processo que leve a tanto, existem caminhos e opções a serem tomadas. Santo Agostinho, na obra *A doutrina cristã*, apresenta critérios e sugestões válidas ainda hoje. Aqui se apresenta um estudo introdutório da hermenêutica a partir de textos deste santo teólogo da Igreja antiga.*

Palavras-chave: *Bíblia, Sagrada Escritura, hermenêutica, Santo Agostinho, interpretação.*

ABSTRACT

*The Hermeneutics is a science of considerable importance for the understanding of Scripture. In this the reader of Scripture today, in contact with the text of centuries ago, can understand the message and put into its meaning. For this to happen and that is the hermeneutic process that leads to both, there are ways and options to be taken. St Augustine's work *The Christian doctrine*, presents criteria and suggestions are valid even today. Here is presented an introductory study of Hermeneutics from texts of the ancient Church of the Holy Theologian.*

Keywords: *Bible, Holy Scripture, hermeneutics, Saint Augustine, interpretation.*

INTRODUÇÃO

Depois desses dois graus do temor de Deus e da piedade, chega-se ao terceiro, o grau da ciência, justamente sobre o

* Pe. Mauro Negro, OSJ, é professor de Teologia Bíblica na PUC-SP, Campus Ipiranga. Possui graduação em Teologia no *Studium Theologicum* de Curitiba (PR) e na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Possui também graduação em Filosofia pela FAI, mestrado em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia da PUC-SP. Atualmente faz o Doutorado na área de Teologia Bíblica na PUC-RJ.

qual eu me propus escrever nesta obra. Porque é nesse grau que se há de exercitar todo estudioso das divinas Escrituras, com a intenção de não encontrar nelas outra coisa mais do que o dever de amar a Deus por Deus, e ao próximo por amor de Deus (Santo Agostinho. *A doutrina cristã. Manual de exegese e formação cristã*. Livro II, cap. 7, n. 10).

Santo Agostinho escreveu uma obra que é significativa para os estudos bíblicos, para a catequese e para o conjunto dos esforços em buscar a sistematicidade do pensamento teológico e bíblico. Trata-se do texto *A doutrina cristã*, com o subtítulo “Manual de exegese e formação cristã”, já felizmente publicado em português.¹ Ali encontramos, entre tantas e ricas observações, afirmações e indicações sábias e inteligentes, como esta que se segue e que inspira este pequeno artigo:

O investigador mais diligente das Sagradas Escrituras será, em primeiro lugar, o que as tiver lido integralmente e delas tomado conhecimento, se não quanto ao sentido pleno, pelo menos quanto à leitura perseverante.²

Podem-se assim perceber dois conselhos iniciais na obra do hiponense: Primeiro, a necessidade de uma *leitura integral*. A consequência desta leitura é o segundo conselho: o *conhecimento dos livros bíblicos*. Pode parecer redundância, mas nem sempre é feita uma leitura integral do texto bíblico e consequentemente não se conhecem integralmente seu contexto e, menos ainda, o cânon. O estudante³ da Sagrada Escritura deve conhecer profundamente os cânones em que ela se apresenta, pois cada um deles expressa uma ideia a respeito da própria revelação bíblica. O cânon da Escritura, seja o hebraico, seja o grego, é como a organização de uma casa: dá a conhecer o estilo de seus donos e moradores. No caso canônico mostra a proximidade e a compreensão que os antigos leitores dos textos tinham. O estudante deve também ter um conhecimento fundamental dos livros bíblicos e saber, no geral, do que cada um deles trata e quais seus argumentos

¹ Cf. SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística, n. 17).

² Cf. SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã*, n. 12 (b), p. 95 (grifos nossos).

³ Por “estudante da Sagrada Escritura”, não me refiro apenas aos que estão frequentando qualquer tipo de academia teológica ou catequética, mas todo leitor *fiel*, seja no sentido de portador do dom teologal da fé, seja dotado de disposição da fidelidade.

principais. Isto será o resultado de uma leitura continuada, muito oportuna e necessária, sem falar no exame metódico do texto.

Analisaremos alguns aspectos da ciência da hermenêutica bíblica a partir destas observações de Santo Agostinho, completando com outras do mesmo Padre da Igreja que nos parece ser muito útil para a compreensão e encantamento com o texto bíblico.

CONCEITOS DE HERMENÊUTICA BÍBLICA

A palavra *hermenêutica* vem do verbo grego ἐρμηνεύω (*hermēneúō*), provavelmente derivado de Ἑρμῆς (*Hermés*)⁴, deus grego que corresponde ao que seria para os romanos o deus Mercúrio.⁵ Entre tantos elementos relacionados a este deus está a imagem de que ele transporta os mortos aos infernos, tem asas, vive calçado de sandálias e tem a função de arauto, sendo que, para representar isto, porta na mão um caduceu.⁶

A palavra grega significa *interpretar, traduzir, explicar*. Pode ser usada como sinônimo de tradução do sentido (o que tem muito a ver com interpretar). Embora existam tantas hermenêuticas quantas são as áreas de conhecimento e especialmente de escrita ou registro humano, a expressão hermenêutica é usada com muita frequência para o universo bíblico, sem a qualificação adjetival de *bíblica*.

A hermenêutica é uma ciência, pois tem método e regras. Existem diversas hermenêuticas tantas quantas são as áreas a serem compreendidas e expostas. “A hermenêutica, em geral, é a disciplina que ensina as regras para interpretar um livro e a maneira de aplicá-las corretamente, com o fim de entender seu verdadeiro sentido, que é o intencionado pelo autor”.⁷

No presente caso, o *livro* a ser interpretado é a Bíblia. Assim, não há apenas *um* livro, mas uma coleção de livros com diversidade e multiplicidade de linguagens, sentidos, expressões e autores. Claro que, visto sob o prisma

⁴ Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*, p. 199. GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do N.T. Grego/Português*, p. 85.

⁵ GUIMARÃES, R. *Dicionário da mitologia grega*, pp. 175–177.

⁶ *Caduceu*: vara comprida, fina e lisa, com duas serpentes entrelaçadas e asas no topo, símbolo do comércio e do anúncio (arauto).

⁷ PERRELLA, G. M.; VAGAGGINI, L. *Introdução geral*, apud: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*, v. I, p. 209.

da fé, a Bíblia é obra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. O Concílio Vaticano II afirma: “As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo”.⁸

Mas há um autor que vamos chamar de instrumental, aquele que efetivamente usa dos meios adequados e necessários, bem como disponíveis, para a escrita do texto. Ele produz um texto que a fé reconhece como inspirado por Deus, mas que tem na sua composição elementos humanos como conceitos, visão de mundo, expressões, riquezas ou limites conceituais. Isto tudo forma um grande mosaico que, ao ser visualizado, apresenta-se como um notável desafio de interpretação.

A hermenêutica bíblica aplica-se a este campo no conjunto das ciências bíblicas: o da interpretação dos textos. Neste sentido, ela é interdisciplinar e serve-se de diversos outros campos de conhecimento, como a linguística, a história, as ciências naturais, as ciências sociais, além de dados arqueológicos etc.

Na segunda Carta a Timóteo encontra-se a afirmação:

Tu, porém, permanece fiel ao que aprendeste e que é tua convicção, considerando de quem o aprendeste. Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras e sabes que podem instruir-te para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Pois toda Escritura é divinamente inspirada e útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e capacitado para toda boa obra (2 Timóteo 3,14-17).

A questão, porém, é que se nós professamos sinceramente que *toda Escritura é divinamente inspirada e útil*, ela demonstra isto de modos específicos, a partir de cada livro e de seu autor ou autores; cabe ao leitor assíduo, conhecedor destas Escrituras que são Sagradas, pois inspiradas por Deus, compreendê-las e propô-las para o povo de Deus, não sem antes assimilá-las e vivenciá-las.

Santo Agostinho, o ilustre Bispo de Hipona Régia, nascido em Tagaste da Numídia (13 de novembro de 354) e morto em sua sede episcopal (28 de agosto de 430), é um dos grandes e mais insignes mestres na interpretação das Escrituras. Ele não foi tradutor como Jerônimo, mas comentador, e neste

⁸ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM* sobre a Sagrada Revelação, n. 11, apud: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*, p. 128.

sentido é que podemos considerá-lo um grande hermenêuta, intérprete no sentido de traduzir não as palavras, mas o sentido, o conteúdo todo que a Escritura deseja.

Sua conversão, magistralmente narrada no livro VIII, capítulo 12, nn. 28-29 das *Confissões*, apresenta como estímulo decisivo, final de um longo processo ou caminho interior e exterior de busca, encontros e desencontros, um convite à leitura. Demos a ele a palavra narrativa:

“Por quanto tempo, por quanto tempo direi ainda: amanhã, amanhã? Por que não agora? Por que não pôr fim agora à minha indignidade?” Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de repente, ouço uma voz vinda da casa vizinha. Parecia de um menino ou menina repetindo continuamente uma canção: “Toma e lê, toma e lê”. Mudei de semblante e comecei com a máxima atenção a observar se se tratava de alguma cantilena que as crianças gostam de repetir em seus jogos. Não me lembrava, porém, de tê-la ouvido antes. Reprimi o pranto e levantei-me. A única interpretação possível, para mim, era a de uma ordem divina para abrir o livro e ler as primeiras palavras que encontrasse. Tinha ouvido que Antão, assistindo por acaso a uma leitura evangélica, sentiu um chamado, como se a passagem lida fosse pessoalmente dirigida a ele: *Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me*. E logo, através dessa mensagem, converteu-se a ti. Apressado, voltei ao lugar onde Alípio ficara sentado, pois, ao levantar-me, havia deixado aí o livro do Apóstolo. Peguei-o, abri e li em silêncio o primeiro capítulo sobre o qual caiu o meu olhar: *Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne*. Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza.⁹

O que chama a atenção é o convite da misteriosa voz: “Toma e lê, toma e lê”. Parece um chamado ao ato da leitura como aproximação mais

⁹ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo: Paulinas, 1997. pp. 230-231.

fundamental — e indispensável! — de um texto para somente, deste ponto em diante, poder encontrar um sentido para o que lá foi encontrado. A leitura é o primeiro passo da hermenêutica; e o modo de ler, de visualizar o texto e a relação com o todo e com as partes de seu corpo. Como é ele “colorido”? Qual seu “gosto”? De onde ele vem e para onde vai? — Tudo isto é o trabalho do intérprete das Escrituras que nelas pode encontrar o que deseja e precisa.

INTEGRALIDADE DA LEITURA — ROTEIROS

Não quero gastar noutra coisa as horas livres que me sobrem do necessário repouso do corpo, do trabalho intelectual e do serviço que devemos aos homens [...]. Que tuas Escrituras sejam castas delícias para mim; que eu não me engane sobre elas, nem a outros engane com elas [...]. Que eu te exalte por tudo o que encontrar em teus livros, que “eu escute a voz dos teus louvores” (Salmo 118,18).¹⁰

Quando se fala de leitura integral ou total do texto bíblico, o que primeiro vem à mente é: “por onde começar?” E ainda: “qual sentido seguir?” Isto parece ser bem lógico e evidente de esperar, pois o encontro com o texto bíblico tem a tendência de ser questionador ou pelo menos despertar o interesse. Nota-se que as questões impostas pela proximidade com o texto bíblico são, fundamentalmente, de ordem metodológica.

A leitura que se faz de um texto bíblico ou do conjunto dos livros da Escritura deve ser criteriosa, não ingênua. Ao leitor atento e desejoso de conhecer deve ser indicado um passo fundamental: os textos não estão dispostos, em sua forma canônica final, da maneira como foram escritos. Sabemos que um texto que vem, no volume da edição bíblica, antes de outro, pode ter sido escrito depois. Isto ocorre entre livros no quadro do cânon e mesmo dentro de um único livro, quando uma perícopes que vem antes de outra pode ter sido escrita depois.

Para distinguir o tipo de aproximação que se tem do texto bíblico, usaremos as duas categorias que se seguem: *forma canônica* e *construção cronológica*.¹¹

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. Livro XI, cap. 2, n. 2.3.

¹¹ Estas duas categorias que propomos têm a ver com as duas categorias que conhecemos dos estudos da semiologia: a sincronia e a diacronia. Usamos aqui estas expressões, pois

Forma canônica: É como o texto chegou até a atualidade e como ele é lido nas diversas comunhões de fé (Igrejas) ou mesmo pesquisado pelos estudiosos, ainda que sem este enfoque de fé. A forma canônica deve ser respeitada, pois se apresenta como o resultado de um longo processo de crescimento do texto — crescimento não somente em tamanho ou extensão, mas também em intensidade, profundidade e clareza de ideias.

Construção cronológica: É o processo de construção do texto através do tempo. Um texto bíblico raramente é unitário, escrito do início ao fim por um único autor. A complexidade da escrita bíblica somente tem comparação com os tipos de leituras que são feitas do seu produto final, a forma canônica. Para compreender esta construção cronológica do texto, que é a sua “montagem”, é necessário estudar o texto e sua história, sua construção. Tal trabalho requer atenção e dedicação e é o empenho exigido pela hermenêutica.

Para a integralidade do processo, que é, ao que nos parece, um caminho ou uma sequência de leitura a ser observada, é conveniente observar uma clara distinção entre dois caminhos: o caminho *histórico* e o caminho dos *eventos*.

Roteiro ou caminho histórico

A Escritura é a consignação por escrito da experiência de fé que Israel e a Igreja das origens tiveram. É uma afirmação comum e fundamental de que esta experiência é feita na história e de que Deus se revela no processo histórico de seu povo. No entanto, não se deve confundir a revelação feita na história com uma historiografia presente nos livros que a apresentam.

A historiografia é a técnica de redação de fatos, pessoas, consequências e demais movimentos que ocorrem na história e demonstram que Deus se revela no tempo de seu povo. Um caminho ou roteiro histórico pode ser o de começar a leitura pelos livros que se encontram no início do cânon e ir seguindo passo após passo, o que parece ser lógico em uma história. Primeiro a criação, depois o afastamento de Deus com o pecado, em seguida o retorno, depois um novo afastamento e vem Abraão, e a história caminha com os patriarcas até chegar a José e seus irmãos, depois Moisés,

queremos dar uma nota específica para este tipo de leitura, nota esta que não é exatamente o que se entende por sincronia e diacronia.

Josué, os juízes. Parece que, realmente, há um elemento de historiografia que pode estar presente aqui. Há uma base ou um pano de fundo para a historiografia, pois, afinal de contas, o que se conta é a história da ação de Deus. É possível até compreender o Apocalipse como o final de tudo, como a conclusão de toda a história e, não deixa de ser por isso que ele é apresentado, popularmente, como o livro que fala do futuro, dos fatos que ainda se darão.¹²

Nos textos bíblicos a sequência dos acontecimentos é o que eles apresentam, mas a disposição dos mesmos em forma a ser seguida corresponde a uma outra índole, a um outro modo de ver e interpretar a ação de Deus na história. Os textos são elaborados de modo a evidenciar o que parece ser mais importante e decisivo, o que pode conduzir ao ponto seguinte, exaltando o herói de toda ação ou a própria ação como demonstrativa da presença e atuação de Deus. Neste ponto, sob esta imagem do herói, é oportuno recordar que, se podemos identificar um “herói” na Bíblia, ele não é, de modo algo, um dos personagens lá representados. O herói é Deus, e o agente de tudo é Ele. Assim, o enfoque para um roteiro de aproximação do texto ou leitura não é a sequência de um texto após o outro, do Gênesis ao Apocalipse, o que seria evidenciar os personagens, mas sim a marca dos “eventos”.

Roteiro ou caminho dos eventos — epifanias

Por *evento* entendemos um conhecimento ou fato que determina a direção, o rumo que a história vai tomando. Usamos a expressão *epifania* no sentido de uma intervenção de Deus na história, seja através de um indivíduo seja do povo ou parte dele.

Desta forma é que podemos também olhar o texto bíblico, não como uma sucessão de idas e vindas, de encontros e desencontros, mas sim como a ação de Deus. Pode ser que o texto apresente o evento ou a epifania deslocado do seu contexto realmente histórico, mas o que importa não é este contexto e sim o fato de que aquilo é uma epifania, uma intervenção de Deus, uma “irrupção” de Deus na história da pessoa, das pessoas ou do povo.

A história individual que é apresentada, por exemplo, na assembleia de Siquém em Josué 24, não é tanto o relato escrito de um fato, mas a

¹² No entanto o Apocalipse é um livro de esperança para quem o lê agora. Este “agora” refere-se a qualquer que seja o tempo, inclusive ao que estamos vivendo.

evidência literária e teológica de que Deus esteve intervindo na história daquele homem em particular e de todo o povo que ele conduzia. Os diversos e múltiplos elementos lá presentes são importantes, pois compõem um quadro rico de cores e demonstram para quem está predisposto a ver, o complexo mosaico da epifania de Siquém, em que Deus é aceito pelo povo que se declara conduzido até aquele momento por Ele e deseja estar em comunhão também com Ele. A forma final do texto é assim justamente para que o leitor aceite a ação de Deus. E esta forma está lá para que isto seja possível. Diversamente, se fosse isolada, sem referências às pessoas, aos lugares ou aos acontecimentos, não seria experiência humana e sim um jogo abstrato ou, mais provavelmente, uma simples lenda ou mito — cosmogônico, etiológico, parenético etc.

Tudo isso é um dado elementar da hermenêutica. É a própria hermenêutica que se expressa de modo prático. As questões fundamentais são: estas epifanias são transmitidas como? Estes textos que apresentam as epifanias, com diversas roupagens e índoles, podem ser conhecidos de que modo e quais podem ser as regras oportunamente seguidas para que possam ser vistos e compreendidos? Estas são algumas intenções da hermenêutica.

CONHECIMENTO DOS LIVROS: ÍNDOLE DO QUE É APRESENTADO

Tendo então adquirido certa familiaridade com a linguagem das divinas Escrituras, devemos prosseguir *examinando as passagens obscuras em vista de esclarecê-las e explicá-las*. Chega-se lá tomando exemplos de textos mais claros. Assim, o testemunho das sentenças de sentido certo fará desaparecer as dúvidas das sentenças de sentido incerto.¹³

Os livros bíblicos, enquanto literatura, não são “planos” entre si. São diferentes, têm códigos linguísticos diversos entre si e apresentam-se com diversas formas de interpretação. Não é possível ler um romance com as mesmas disposições ou pré-compreensões com que se lê um poema. Uma epígrafe não é um poema ou uma crônica, mas uma indicação elaborada a partir da memória de algo ou alguém. Uma lista genealógica bíblica põe à mostra não a sucessão verificável da consanguinidade, mas sim a presença

¹³ SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã*. Livro II, cap. 9, n. 14 (c) (grifos nossos).

da mão divina que dirige tudo. Colocadas sobre um mesmo modo de ver e sentir a informação, qualquer texto bíblico encontraria dificuldade em ser compreendido adequadamente.

Tomemos como exemplo os textos dos Evangelhos. Deixemos claro que os Evangelhos não são textos historiográficos e sim querigmáticos e catequéticos que põem à mostra a epifania do Filho de Deus que revela o Pai. Estes textos propõem a pessoa e a missão de Deus como partes constitutivas de sua personalidade que é, fundamentalmente, seu mistério.

A índole que é apresentada, ou, no dizer de Agostinho, “o conhecimento dos livros”, é uma investigação feita com recursos e métodos disponíveis e à luz da fé. O leitor da Bíblia ou seu estudioso não pode prescindir do fato de que está em contato com um texto que apresenta e deseja dar a conhecer não o evento geográfico ou geológico, botânico ou psicológico, mas sim a afirmação de que Deus realizou algo em tudo isto, de alguma forma. A esta índole pode-se chegar com estudo e observação atenta e, especialmente, com a aquisição de um método e de critérios de leitura e aceitação.

O método pode aproximar-se do texto ou dos textos e seguir sua leitura conforme a apresentação final que eles têm em sua forma canônica. Eles estão dispostos em um formato que é aceito e lidos pela comunidade, que o recebe como texto sacro ou Escritura.

Um meio muito bem adequado de seguir este método é o que as comunidades de fé seguem e que chamamos de “litúrgico”. A sequência litúrgica dos textos bíblicos evidencia a epifania e levam o leitor e ouvinte (Apocalipse 1,3) a descobrir o sentido das palavras para chegar ao ponto da compreensão da epifania e da ação de Deus na história do personagem, do fato ou do povo lá apresentados.

UMA LEITURA CANÔNICA

Agostinho afirma em sua obra *A doutrina cristã*:

A primeira observação a ser feita a essa busca e empresa é, como já dissemos, *tomar conhecimento dos Livros santos*. Se, a princípio, não se conseguir apreender o sentido todo, pelo menos fazer a leitura e confiar à memória as santas palavras. De toda a forma, *não ignorar por completo os Livros sagrados*. Em seguida se há de verificar com grande cuidado e diligência os

preceitos morais e as regras de fé que a Escritura propõe com clareza. Encontram-se tão mais abundantemente, quanto maior for a abertura do entendimento de quem busca, visto que nas passagens que a Escritura oferece com clareza encontram-se todos os preceitos referentes à fé e aos costumes, à esperança e à caridade, sobre os quais tratamos no primeiro livro.¹⁴

Uma leitura canônica implica um ato de acesso a certo texto dentro de um determinado contexto. O texto é o bíblico e o contexto é o conjunto em que ele é inserido e a comunidade ou o ambiente humano em que se dá a leitura.

Agostinho talvez não tivesse em mente as implicações de sua afirmação de um ponto de vista hermenêutico do modo como hoje entendemos, mas toda a sua proposta é acentadamente marcada pela “canonicidade” do texto. É a interpretação da Bíblia em seu conjunto.¹⁵ O meio ou o ambiente em que se faz a leitura é o ambiente da própria Escritura e, além disso, da comunidade que se aproxima do texto reconhecendo nele uma mensagem especial.

Para que o processo exista são necessários alguns elementos que Agostinho parece elencar de modo sistemático e que merece alguns comentários. Primeiro, o *conhecimento dos livros sagrados*. Depois uma aproximação ou destaque dos *preceitos morais e regras de fé* que deles se depreendem, segue-se a capacidade de um *exame das passagens obscuras e sua consequente explicação*, e por fim, mas com uma notável importância, o *uso da memória*.

Conhecimento dos livros sagrados

Santo Agostinho indica seu modo de ver e aceitar a situação da Escritura:

Quanto às Escrituras canônicas, siga a autoridade da maioria das Igrejas católicas, entre as quais, sem dúvida, se contam as que merecem ser sede dos apóstolos e receber cartas deles.¹⁶

¹⁴ SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã*. Livro II, cap. 9, n. 14 (b) (grifos nossos).

¹⁵ Cf. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 58.

¹⁶ SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã*. Livro II, cap. 8, n. 12.

O conhecimento dos livros dá-se pela leitura atenta. Se ela é feita seguindo o critério histórico ou epifânico, isto é, de decisão do leitor. A leitura deve considerar alguns elementos que, de outra forma, iriam torná-la deficitária. Os elementos são os que se seguem.

Língua

Palavras de Santo Agostinho:

Para combater a ignorância dos signos próprios, o grande remédio é o conhecimento das línguas. Os conhecedores da língua latina, a quem pretendemos instruir neste momento, necessitam, para chegar a conhecer a fundo as divinas Escrituras, de duas outras línguas, a saber, o grego e o hebraico. Elas lhes permitirão recorrer aos exemplares mais antigos, no caso em que a infinita variedade das traduções latinas lhes traga alguma dúvida.¹⁷

A língua é o processo, o código de comunicação de um texto. Não se limita a um modo de escrever, mas vai até a visão de mundo, chegando à compreensão do que existe e de como se relacionar com tudo. A estrutura sintática das palavras é expressão do modo de ver ou de sentir as coisas e o que cerca o falante, o escritor ou o leitor. Além disso, a relação do homem com seu espaço e tempo gera sua forma de se comunicar, sendo ainda necessário recordar que existe o espaço e o tempo exterior e o espaço e o tempo interior. A língua está plenamente influenciada por todos estes elementos.

No caso bíblico há a língua de origem, isto é, a língua em que os textos foram compostos — o hebraico e o grego —, e a língua da leitura, ou seja, a língua em que estão sendo lidos, no caso mais comum de uma tradução. Para aprofundar estas considerações, é oportuno olhar a língua do autor, tentar entendê-la na sua construção gramatical, semântica, semiótica etc.¹⁸

¹⁷ SANTO AGOSTINHO. A doutrina cristã – Manual de exegese e formação cristã. Livro II, cap. 9, n. 16.

¹⁸ Apenas um caso para exemplificar o tema: em Gênesis 2,23, no relato mítico da criação, o autor escreve pondo na boca do homem uma afirmação curiosa a respeito de sua companheira: “Então o homem exclamou: ‘Esta sim, é osso de meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!’”. A indicação “mulher porque veio do homem” não tem sentido em língua moderna como o português. Em

Não é possível compreender uma mensagem escrita querendo que o autor fale aquilo que se quer ouvir e do modo como se deseja. É necessário que ele se expresse da maneira que pode fazê-lo, considerando-se também seu tempo e o lugar geográfico que ocupa. O leitor deve aceitar o universo linguístico ao qual ele tem acesso e não pré-julgar o que lê.

O conhecimento das línguas bíblicas, mesmo que não profundo, mas perspicaz, dá a entender os limites da mensagem que o texto lido impõe. Por limites não se entenda algo negativo, mas sim algo positivo: limites amplos, mais globais, mas que sempre serão limites, pois condicionados a um contexto, como foi antes enunciado. Em um curso básico de estudos bíblicos não é possível ou conveniente estudar em detalhes o hebraico e/ou o grego, mas é muito oportuno compreender alguns mecanismos destas línguas para poder compreender como “funciona” o pensamento que elas expressam e como é possível (ou até que ponto é possível!) uma tradução fiel.

Mundo circundante

O mundo que a Bíblia retrata é absurdamente diverso do atual e os termos de comparações são sempre muito perigosos, pois não levam em conta que uma expressão linguística que parece muito relacionada a um aspecto ou modo de vida é, às vezes, diversa, quando não contraditória.

Assim, é absolutamente possível identificar um modo, uma ação ou uma imagem bíblica com uma realidade atual, mas não sem alguns ou muitos problemas. Haverá sempre limites e, junto aos outros pontos elencados aqui, devem ser considerados para que uma comparação ou explicação não seja mais uma “confusão” ou “complicação”.

Por mundo circundante entendemos a geografia, a cosmovisão, a extensão de conceitos fundamentais como tempo, passado, futuro etc.

Ambientes culturais e míticos

Não há um só ambiente na Bíblia, mas diversos e até contrastantes. Cada um deles merece uma introdução à parte, para que todo o texto do

hebraico, língua original do relato, é diferente: “Ela será chamada *’iššâ* porque foi tirada de *’iš*”. O substantivo *’iššâ* deriva de *’iš*. Agora, sim, tem sentido. A semelhança fonética indica parentesco de origem. Conhecendo a língua hebraica é possível compreender isto. Diversamente o texto de Gênesis 2,23 é apenas curioso.

qual ele faz parte e o contexto que o envolve possam expressar sua força comunicativa.

Por ambientes culturais pensamos em duas situações: a *realidade em que se deu origem aos textos* e a *realidade que os textos desejam expressar*.

Realidade em que se deu origem aos textos: Quase nunca é a realidade que eles próprios desejam expressar. Isto é claro, pois a escrita vem depois do fato, e a sua narração pode ser influenciada pelo ambiente no qual vive o narrador, ambiente este diferente, no tempo e mesmo no espaço, daquele em que o fato ocorreu. Assim, pode acontecer um anacronismo: o uso de um elemento textual fora do tempo em que ele é apresentado na narração.

Realidade que os textos desejam expressar: Os textos podem ser elaborados de modo a deixar claro algo além do que eles poderiam apresentar se fossem simplesmente uma narração jornalística ou uma crônica. Eles podem estar influenciados — e quase sempre o são — por diversas outras possibilidades e necessidades.

Por ambiente mítico compreende-se a *força expressiva* ou os *recursos literários* que o autor de um texto usou ou que os leitores que ele imagina conhecem. De fato, em muitos momentos a Bíblia lança mão de mitos para expressar algo que está além de seus conhecimentos, como a origem do mundo, os habitantes dos mares etc.

Preceitos morais e regras de fé que a Escritura propõe

Vamos aqui inverter a ordem dos elementos, por nos parecer mais conforme à sensibilidade atual. As regras de fé referem-se ao modo de crer, ao “objeto” do ato de crer. Agostinho afirma que elas (tanto as regras de fé quanto os preceitos morais) encontram-se tão mais abundantes, quanto maior for a abertura do entendimento de quem busca, o que sugere que a quem tem desejo de encontrar as respostas ou a indicação dos caminhos isto será sempre mais possível e compreensível, ao passo que aquele que busca a Escritura sem este devido cuidado não terá tanta facilidade em individuar as regras da fé e os preceitos morais.

Na Escritura não se encontra de modo sistemático o conjunto que é expresso pela fé e que é chamado de “depósito da fé”. A descoberta deste corpo doutrinal que não está tão evidente na Escritura é tarefa da teologia

que, não à toa, é hoje chamada de “sistemática”, pois busca a sistematização do depósito da fé.

Exame das passagens obscuras e sua explicação

Depois de tudo isto, Agostinho propõe o exame das partes obscuras da Escritura e sua explicação como um passo importante na descoberta do sentido das palavras. O que ele propõe é uma espécie de crítica literária ou um embrião da crítica das formas; na comparação que se deve fazer do uso de uma palavra e não de outra, de uma construção gramatical ou sintática e no modo de expressão e comunicação (que hoje podemos chamar de semiótica) o leitor vai entendendo o texto, pois ele parte do simples para o complexo, do básico para o elaborado, do fundamental ao consequente.

Memória

Para o leitor moderno do texto bíblico, a necessidade da memória pode parecer desprezível, mas para Agostinho e para quem quer trabalhar com a Escritura ela é um elemento sempre necessário e útil. Ele afirma: Em todo esse trabalho, a *memória* é de grande valor, pois, se ela faltar, não serão os preceitos que a poderão despertar.¹⁹ É a memória que determina as relações entre os textos e os conduz à compreensão do todo ou de um ponto importante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PELLETIER, A. M. *Bíblia e hermenêutica hoje*. Paula Silva Rodrigues (Trad.). São Paulo: Loyola, 2006.
- PERRELLA, G. M. & VAGAGGINI, L. *Introdução geral*. Apud: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1965, v. I.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Ireneu Rabuske (Trad.). São Paulo: Paulus, 2003.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã*. Livro II, cap. 9, n. 14 (c) (grifos nossos).

- SCHARBERT, J. *Introdução à Sagrada Escritura*. Frederico Dattler (Trad.). 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SCHÖKEL, L. A. *A manual of hermeneutics*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- _____. *Hermenéutica de la Palabra. II: Interpretación literaria de textos bíblicos*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.
- _____. *Hermenéutica de la Palabra. III: Interpretación teológica de textos bíblicos*. Bilbao: Ediciones EGA/Ediciones Mensajero, s.d.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina (Trad.). São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *A doutrina cristã. Manual de exegese e formação cristã*. Nair de Assis Oliveira (Trad.). São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

Dedico este artigo à memória de
Dom Domingos Gabriel Wisniewski (1928-2010)
bispo emérito de Apucarana-PR